

A aquisição de linguagem na perspectiva psicanalítica*

Paula Perón**

O livro *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito* foi relançado em 2008, após revisão do autor – Franklin W. Goldgrub. Originalmente, constitui sua tese de doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No prefácio, Iray Carone o define como um trabalho de mestre, um edifício respeitável de hipóteses teóricas e achados empíricos. Goldgrub é psicanalista e mestre de fato – leciona Psicanálise no Curso de Psicologia da PUC/SP e publicou outros vários títulos (*‘Édipo 3x4’* é o mais recente deles), e provavelmente *A máquina do fantasma* é seu trabalho de maior relevância científica. Isto porque ali o autor apresenta suas hipóteses e examina cuidadosamente ideias contrapostas de outros autores, entregando-se ao devido confronto que caracteriza as arenas que fazem avançar a boa ciência. No livro, o psicanalista leva adiante algumas discussões propostas por Lacan em seu período estruturalista e examina a complexa questão da aquisição da linguagem no *infans*.

A sua tese central é a seguinte: “*a criança acede à linguagem quando as linhas até então paralelas dos fenômenos fonéticos e especulares que precedem as cadeias do significante e do significado convergem para produzir o discurso*”, ao que o autor chama “*concepção fonético-fonológica/especular*”. Em sua compreensão, a linguagem seria autônoma em relação ao social e ao biológico e, para sustentar tal afirmação, Goldgrub posiciona-se frente ao ambientalismo skinneriano, ao inatismo chomskyano, à visão instrumental de linguagem de Piaget e à ênfase concedida ao fator social pelas teorias culturalistas. Os seus apoios são principalmente o conceito psicanalítico de identificação e os conceitos lacanianos de estádio do espelho, metáfora paterna e nome do pai, ressaltando o período lingüístico e estruturalista da teoria de Lacan, influenciado por Saussure, Benveniste e também Lévi-Strauss.

* Resenha do livro *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*. Franklin W. Goldgrub. São Paulo: Samizdat, 2008.

** Paula Perón é professora do curso de Psicologia da FACHS PUC-SP e Doutora em Psicologia Clínica.

Através de uma sofisticada articulação entre psicanálise e lingüística, e sem temer a polêmica confusão de objetos entre elas, Goldgrub acentua a anterioridade da linguagem enquanto sistema em relação ao conteúdo que se intenciona veicular – para Lacan, o sujeito é um efeito da linguagem – e enfatiza também a ideia de que o discurso retrata o sujeito, que expressa muito mais do que pretende ou acredita expressar. Assim, a universalidade da linguagem é relacionada à universalidade do inconsciente, postulada por Freud, sendo linguagem e inconsciente consubstanciais e antecedentes em relação à cultura e ao sujeito. Estruturalmente, o sujeito passaria a esta condição, deixando a condição de objeto, no momento mesmo da aquisição da linguagem.

A relação entre sociedade e linguagem é examinada no início do livro, através dos postulados de Chomsky, Skinner, Piaget e Vygotsky. O autor apresenta as controvérsias entre os adeptos do inatismo e aqueles que defendem a influência do meio na aquisição da linguagem. No capítulo I – Reflexões sobre o inatismo chomskyano, Goldgrub discute o postulado do substrato cerebral como um órgão produtor de linguagem, usado pelo lingüista Chomsky. Para o psicanalista, o córtex cerebral é condição necessária, mas não suficiente, para produzir linguagem, o que é atestado pelo autismo e pela esquizofrenia infantil, onde há integridade do órgão e ausência de linguagem. Chomsky teria combatido com sucesso uma leitura comportamental, social ou cognitiva da origem da linguagem, que não seria resultante de condicionamento – como advoga Skinner – nem tampouco um instrumento intelectual – como advoga Piaget. No entanto, Chomsky não teria se emancipado nem da suposição da autonomia do sujeito consciente, guiado pela razão, nem tampouco do substrato biológico da linguagem. As contribuições de Chomsky são também examinadas a partir das críticas com origem em Wittgenstein, que subordina a linguagem às convenções coletivas homogeneizantes e assim abole, ao contrário de Chomsky, que acentua, a competência do falante enquanto indivíduo. No entanto, este indivíduo não é propriamente um sujeito - noção ausente na obra do lingüista americano - mas sim um cérebro guiado pelas leis da evolução, de maneira inata.

Para Goldgrub, a psicanálise freudiana pode parcialmente escapar dos pressupostos inatistas através da noção do Édipo estrutural, que dispensa soluções ambientalistas e organicistas, apoiando-se no conceito de fantasia, atrelada à realidade psíquica. A semelhança entre a gramática gerativa de Chomsky e as teorias freudianas reside em que tanto a sintaxe como a fantasia estão a serviço da significação – o falante atribuirá sentido aos seus objetos de desejo. A língua é “*o inventário – infinito, e daí a criatividade – da relação sujeito/objeto*”,

diferenciando-se enormemente das mensagens comunicativas da natureza, estas a serviço da sobrevivência da espécie. Desta maneira, o ingresso no universo da simbolização sinaliza a pertença ao grupo humano.

No capítulo sobre Vygotsky, Goldgrub ressalta que o autor russo atribui à linguagem o estatuto de mais importante sistema psicológico, dependente do social e emancipada do orgânico. Entre Vygotsky e Freud, a semelhança é a atribuição de um lugar crucial à linguagem, o que se vê também em Chomsky, Saussure e Benveniste, apesar de todas as diferenças. Vygotsky e Freud, no entanto, teriam mais um ponto em comum: a noção de inconsciente que, embora não apareça no primeiro de maneira clara, pode ser interpretada na leitura da obra *Pensamento e Linguagem*. Para Goldgrub, a linguagem não pode ser pesquisada sem o enfrentamento da questão do inconsciente e Vygotsky teria sido o primeiro fora da seara psicanalítica a propor a relação entre linguagem e psiquismo.

O autor de *A máquina do fantasma* aprofunda também a análise da tese de Cláudia de Lemos que, com base em Saussure, busca um modelo teórico capaz de sustentar a pesquisa interacionista e recusa o empirismo, o racionalismo e a secundarização da linguagem. O autor concorda com a hipótese de especularidade de Lemos, mas a nomeia de inteligência pré-verbal – quando há o emprego de sons com finalidade comunicativa. Da especularidade fonética para o sistema fonológico, deve haver a passagem do *infans* à posição de sujeito. A algaravia (linguagem pré-intelectual, sem finalidade comunicativa, puramente fonética) faz surgir o sistema do significante. Da confluência entre o significado, advindo da comunicação especular, e do significante, surgido da algaravia, emerge o discurso.

Inicialmente, a experiência lingüística impõe ao *infans* a condição de diferenciar e relacionar suas produções, sem compreender o conteúdo. Há um uso sem conhecimento, por um agente que ainda não é sujeito. Examinando também o trabalho de Maria Teresa de Lemos, o psicanalista apresenta a suposição de que o papel desempenhado pela rede fonético-fonológica tem sido desconsiderado nas pesquisas sobre a aquisição de linguagem e que esta rede adquire relevância fundante já que instaura a lógica da diferença. A morfologia seria a sede do estabelecimento das condições necessárias à construção do discurso, lugar onde os eixos metafórico e metonímico ganham condições de possibilidade. A fonologia, por outro lado, responderia pelas condições de possibilidade da morfologia. Uma lógica pura do significante antecederia os aspectos pragmáticos da linguagem, em absoluta primazia do significante, que no entanto não prescinde do significado para compor o fenômeno discursivo.

Há aqui a separação entre língua e discurso. A prioridade da língua explicaria a aquisição de linguagem em ouvintes, em oposição à surdez, assunto também

tratado por Goldgrub, uma vez que sua hipótese concede importância central aos aspectos fonológicos da aquisição. A comunidade de ouvintes na qual se insere a de não ouvintes sustentaria a língua que respalda a aquisição na surdez. Assim, a ausência de aquisição por via fonológica não impede o acesso à linguagem, que é adquirida por identificação. Por outro lado, a língua de sinais restringiria a integração em relação ao grupo extrafamiliar, dado que esta se caracteriza como comparativamente dialetal, ao contrário dos significantes lingüístico-fonológicos, que denotam um alto grau de aplicabilidade e abrangência. A língua de sinais é equivalente à oral em sua finalidade comunicativa, mas em sua dimensão expressiva é mais rudimentar, pois ao apresentar um alto grau de proximidade entre representante e representado, dificulta a polissemia. Entretanto, a força do vínculo familiar ou a possibilidade de separação entre grupo familiar e *infans* serão uma ou outra acentuadas conforme o grau de investimento feito na direção da autonomia ou não autonomia do adquirente.

Sobre as línguas crioulas, outro fenômeno analisado no livro, a discussão é feita a partir de Bickerton, e Goldgrub conclui que a singularização de uma população imigrante dá-se graças à linguagem, ou seja, à língua cabe instituir a identidade própria de um grupo e posteriormente separá-lo de outros, por seu léxico e gramática, e também através do princípio estrutural da rede fonética fornecida pelos pais em âmbito doméstico às crianças filhas de imigrantes.

Com apoio nas pesquisas sobre a afasia de Jakobson, Goldgrub iguala a aquisição da rede fonético/fonológica à identificação instauradora da posição de sujeito, posterior à separação da complementaridade *infans*/figura materna. Não se trata de aprendizagem, trata-se de identificação àquele que veicula o funcionamento da língua (o Outro). Este processo instaura a consciência de si e o discurso próprio, a partir daqueles que narcisicamente idealizam e projetam expectativas nos filhos. O ingresso no universo lingüístico não é tomado como um procedimento de assimilação de informações, e sim como uma transformação radical que toma o adulto como modelo. Para Cláudia de Lemos, a aquisição é um fenômeno autônomo, que não se subordina ao substrato orgânico, nem tampouco a funções adaptativo-cognitivas ou finalidades de socialização. Tal autonomia radical não aparece de maneira uniforme em Saussure, e o mesmo se dá com o conceito de inconsciente em Freud. Há, em ambos, um insistente retorno da subordinação ao orgânico e ao social.

A identificação ao outro, entretanto, não significa a atribuição ao meio de um papel determinante, já que o outro responsável pela identificação exerce suas funções como portador do desejo graças ao qual o *infans* existe. Desta maneira, conceder à linguagem o papel central no processo de identificação implica na autonomia do humano em relação ao ambiental e ao orgânico. Para Goldgrub, o estruturalismo

francês dos anos 50/60 (fonte de onde Lacan bebeu) representa assim a declaração de independência epistemológica das ciências humanas, na esteira da revolução promovida pelas obras de Freud e Saussure.

A temática da origem da linguagem é também discutida no livro, através da pesquisa paleontológica. A linguagem teria advindo por via fonética, em virtude das mutações que transformaram o aparelho respiratório em aparelho respiratório/fonatório, conforme mostram os achados de Philip Lieberman. Isto quer dizer que, ao contrário do que se supõe, as bases biológicas da linguagem não teriam se originado em mutações cerebrais, sendo ao cérebro reservadas as funções de substrato e registro.

Ao longo de todo o texto, o autor põe à prova sua teorização, passando por análises dos fenômenos da surdez, do ensino de códigos de comunicação aos primatas e das línguas crioulas, fenômenos que se oferecem como campo para o debate acerca da eficácia do lingüístico em situações peculiares.

Sobre as pesquisas com primatas, Franklin Goldgrub examina as mais relevantes, derivadas do abalo na década de 60 da crença da fala como característica ímpar da racionalidade humana. Em resumo, os primatas não podem passar de um uso instrumental da língua, só vêem o que o sinal aponta e não podem tomar a linguagem como conteúdo de um diálogo, não ascendem à realidade independente do representado, que a linguagem instaura. Diferentemente, o homem evoluiu segundo a seleção natural até a aquisição da linguagem, e este fato permitiu que ele se emancipasse da influência do meio e passasse a ser, ele próprio, um fator de pressões seletivas. Só ao *homo sapiens* cabe a façanha de transmitir a linguagem a outra espécie, também transgredindo a seleção natural – evidência que os pesquisadores da comunicação dos primatas acabam por inadvertidamente possibilitar. Nas palavras de Goldgrub: “*Uma das conclusões deste livro é que se a linguagem tem suas raízes na evolução das espécies e deriva de um complexo conjunto de mutações como qualquer outra característica dos organismos, por outro lado ela inaugura condições de transmissão absolutamente inéditas*” (p. 312).

O fato é que nos primatas não há a posse de uma gramática geral, capaz de permitir-lhes a comunicação em circunstâncias que não sejam as aprendidas preliminarmente, há generalização da semântica, mas não da sintaxe. Eles podem designar objetos e interagir mediante sinais no âmbito da comunicação, mas não adquirem o fonema e sua segmentação. Do ponto de vista conceitual, o que fica bastante claro no campo dos debates sobre estas pesquisas é que não há consenso sobre o que significa a linguagem. Para o autor, não é possível definir linguagem sem levar em conta os níveis fonológico e discursivo como fundamentais e a pesquisa do impasse sobre esta definição deveria receber contribuições da psicanálise e de

seus imprescindíveis intercâmbios com a lingüística, interrompidos por Lacan: “As conceituações de Saussure, Benveniste e Jakobson, bem como a clássica definição proposta por Martinet, todas referentes ao nível da língua, são plenamente articuláveis com a teorização de Freud, Lacan e Lévi-Strauss a respeito do discurso, do sujeito e da cultura” (p. 255).

Finalmente, após costurar de maneira engenhosa e cuidadosa os argumentos necessários para sustentar suas ideias, o autor relaciona sua hipótese aos conceitos lacanianos de estágio do espelho, metáfora paterna e nome-do-pai, desenvolvendo desdobramentos relativos à constituição da identidade da criança. Segundo Lacan e suas pesquisas sobre a psicose, o estágio do espelho, no qual a criança passa dos 6 aos 18 meses na posição de objeto, possibilita uma primeira identificação com o outro, que faz recair sobre ela algo da ordem do particular e do imaginário. Posteriormente, ao adquirir a linguagem, a criança torna-se sujeito e acede ao universal da ordem simbólica.

A proposta final de Franklin Goldgrub, bastante útil ao campo clínico da psicanálise, é uma descrição do processo de constituição do sujeito através de quatro momentos estruturais. No primeiro, não há diferenciação entre sujeito e objeto, cuja persistência acarretaria o autismo. No segundo, o *infans* está em posição de objeto, cuja persistência acarretaria a esquizofrenia (a paranóia situa-se entre o segundo e o terceiro momentos). No terceiro momento, a criança está em posição de sujeito absoluto, ainda não limitado pelo ‘não’. Aqui a persistência acarreta os quadros de mania e depressão. E por último, a posição de sujeito desejante, passível de usar o ‘não’ para si mesmo – correspondente à internalização do superego.

O conflito entre a aceitação ou não aceitação da condição desejante deriva na predominância dos conflitos neuróticos e perversos e na superação do conflito representada pela sublimação. Na psicose, Goldgrub ressalta que o delírio esquizofrênico seria uma tentativa discursiva de recuperar a relação sujeito/objeto, enquanto o autismo traria uma recusa absoluta desta relação e da diferenciação que ela porta. O campo psicanalítico ganharia enormemente com um futuro exame mais aprofundado de tais propostas acerca do diagnóstico estrutural, campo de inúmeros debates e incertezas. A boa pesquisa, como é o caso da apresentada em *A máquina do fantasma*, deriva necessariamente em outras questões e desafios...

Goldgrub, F.W. (2008). *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*. São Paulo: Samizdat, 2ª Edição revista e ampliada.